
DE HOMERO A PLUTARCO, DE AQUILES A ALEXANDRE: UMA POSSÍVEL LEITURA GREGA NA ROMA IMPERIAL

Liliane Pessoa Cunha*

Resumo: Considerando o contexto em que Plutarco, um moralista grego, conviveu, pretende-se analisar a construção biográfica da personagem Alexandre. O historiador, assim o define a historiadora Maria Aparecida Silva, como um membro do movimento da segunda sofística que tinha como intuito disseminar a cultura grega no Império Romano, respeitando a condição de dominados, construirá Alexandre com base nos princípios que ele achava digno de um grego, como, por exemplo, o fato de serem regrados e terem uma postura comedida. Assim, ele aponta ainda semelhanças entre Alexandre e Aquiles e indica um possível parentesco entre ambos. Portanto, é perceptível a grande influência que a *Iliada*, um clássico na formação grega, terá na obra de Plutarco.

Palavras-chave: Alexandre, Aquiles, Segunda Sofística, Biografia Histórica.

FROM HOMER TO PLUTARCH, FROM ACHILLES TO ALEXANDER: A POSSIBLE GREEK READING IN IMPERIAL ROME

Abstract: Considering the context in which Plutarch, a Greek moralist, lived in, we intend to analyze the biographical construction of the Alexander character. The historian, thus defines the historian Maria Aparecida Silva, as a member of the second sophistic movement that had the intention to spread the Greek culture in the Roman Empire, with the condition of the subjugated, Alexander will build on the principles that he thought worthy for a Greek, for example, the fact that they have a wilding and restrained posture. Thus, he also points out similarities between Alexander and Achilles and indicates a possible relationship between them. Therefore, it is apparent the great influence of the *Iliad*, a classical education in Greek, will be in the works of Plutarch.

Keywords: Alexander, Achilles, Second Sophistic, Historical Biography.

Introdução

Plutarco, um grego, nascido em Queroneia, cujo tempo de vida aproximado corresponde a oitenta anos (46 d.C a 126 d.C), viveu no contexto do Império Romano. Como um filósofo e conhecedor da cultura grega, além de estar inserido no movimento da segunda sofística que visava difundir a cultura grega no império, logicamente que respeitando a dominação romana, Plutarco era um conhecedor dos clássicos e, conseqüentemente, dos poemas homéricos. Os filósofos e oradores pertencentes a tal movimento percorriam as cidades do império proclamando o passado glorioso da Grécia antiga, além do que discorriam sobre a formação da identidade grega, demonstrando quais as atribuições necessárias para alcançar tal identidade. Nesse sentido, eles procuravam construir uma autonomia, isto é, um ambiente específico, a fim de

perpetuar o passado cultural grego.

Para isto, os sofistas pregavam que para alcançar a identidade grega era preciso falar corretamente a língua grega e possuir um conhecimento acerca das obras clássicas. Sendo assim, pode-se apontar uma flexibilidade em obter a identidade grega, independente do local de nascimento, o que anteriormente não seria possível. Segundo o historiador Noberto Luiz Guarinello,

Essa identidade foi construída, pela segunda sofística, a partir de algumas criações próprias: uma língua culta e artificial (bastante distinta da língua falada), que procurava reproduzir fielmente a língua falada em Atenas no século V antes de Cristo; uma memória comum a todos os gregos, um passado clássico, que selecionou as Histórias de Atenas e de Esparta, e seu confronto na Guerra do Peloponeso, como a História emblemática de toda a Grécia (visão da qual somos reféns até hoje) (GUARINELLO, 2009, p. 155-156).

É importante ressaltar que duas identidades centrais formavam o Império Romano e o movimento da segunda sofística colocava em evidência, como apresentado anteriormente, a cultura grega. Roma, no tocante a dominação de outros povos, respeitava as suas tradições culturais. Por esse motivo, o império será formado por um vasto leque de tradições. Como afirma Guarinello, manter a diversidade de povos e culturas foi sempre um desafio para o império romano. Com efeito, algumas medidas foram tomadas, a fim de legitimar o poder do imperador perante todo o império. Um culto religioso ao imperador foi adotado em todas as províncias, a cidadania romana, por sua vez, foi estendida, consoante com o direito romano, o panteão fora aberto a novas divindades, visando uma tolerância com os demais costumes e o uso linguístico e cultural do latim e do grego passou a ser considerado um meio de alcançar prestígio social. Conforme Guarinello, o latim predominava na metade ocidental do império¹ e o grego no território correspondente ao Mediterrâneo oriental.

A utilização do grego era uma realidade das elites romanas. Ter a cultura grega seria sinônimo de poder e sabedoria. Conhecer os clássicos possibilitaria compreender a grandiosidade e superioridade cultural grega. Plutarco, como um representante do movimento que visava expandir os conhecimentos acerca da identidade e dos aspectos culturais gregos durante o império romano, respeitando a condição de conquistados, tinha grande conhecimento no que tange aos clássicos. Além disso, escreveu inúmeras biografias das grandes personagens que obteve conhecimento. Na biografia de Alexandre, por exemplo, Plutarco demonstra o quão conhecedor ele era dos clássicos, uma vez que reproduz a imagem de Alexandre como um herói em comparação a Aquiles e inclusive aponta uma possível descendência entre Alexandre e

Aquiles, o que será abordado no decorrer das discussões.

A construção biográfica de Alexandre

Plutarco, em sua obra referente a Alexandre, pretende contar a sua vida, de acordo com os relatos que este tem conhecimento. Para construir a imagem de Alexandre, Plutarco recorre aos registros de pessoas que conviveram ou escreveram sobre ele. Alguns pesquisadores afirmam que, embora busque tais relatos, Plutarco não é um historiador. A sua obra, isto é, as compilações de biografias, seriam enquadradas nos estudos da filosofia e da literatura. Este fato relaciona-se ainda com a difusão do conteúdo filosófico-moralista da obra pregado durante o Iluminismo. Os iluministas recorriam frequentemente aos ideais plutarquianos², utilizando inclusive passagens de sua obra. Montesquieu, por exemplo, utilizou trechos da obra de Plutarco em seus trabalhos. Para Maria Aparecida Silva, *“desde a sua primeira tradução para uma língua moderna, as biografias de Plutarco foram associadas ora à literatura, ora à filosofia, ora à pedagogia. Em virtude disso, seus leitores habituaram-se a ver a obra de uma forma biográfica, a histórica, de conteúdo filosófico e para fins pedagógicos”* (SILVA, 2006, p. 41).

Nesse sentido, a historiadora em discussão afirma que, diferentemente do que vigorava nos estudos anteriores, Plutarco de fato seria sim um historiador. As suas obras são mais complexas do que se imagina e, além disso, Plutarco mostra-se devidamente preocupado em enquadrar os seus personagens ao contexto em que estão inseridos. Este fato nos permite afirmar que a biografia escrita por ele corresponde a uma biografia histórica³. No decorrer do seu pensamento torna-se perceptível o contexto político e social daquela sociedade. *“Assim, a biografia torna-se história, quando a história do indivíduo serve como um artifício para abordar o seu contexto histórico, apenas atuando como fio condutor na narrativa”* (SILVA, 2006, p. 50). A historiadora aponta ainda, em sua obra *Plutarco Historiador: Análise das Biografias Espartanas*, que Plutarco utiliza inúmeros aspectos relevantes a sua classificação dentro dos padrões historiográficos, como a busca por fontes diversas, a utilização do que classificamos hoje como história oral e a busca pela veracidade do discurso, já que prezava por comparar as várias versões dos fatos.

Na construção da biografia de Alexandre, Plutarco deixa claro o que para ele representa o sentido da História, em consonância com a diferença que esta possui quando comparada ao gênero biográfico. Além de se tratar de uma obra onde não apenas uma personagem é apresentada, para Plutarco, a História seria representada pelas vicissitudes memoráveis, isto é, os grandes acontecimentos, como por exemplo, as várias guerras que Alexandre empreendeu e, por consequência, as suas conquistas. Assim sendo, estes fatos grandiosos representariam então a temática referente ao gênero da historiografia. Se a História, para Plutarco, representava os grandes

acontecimentos, a biografia, em contrapartida, seria a narrativa dos acontecimentos com pouca relevância, - quando comparado às guerras, por exemplo - como a demonstração da vida política dos grandes homens. Dessa forma, o que Plutarco imaginava ser apenas uma biografia, pelo menos no tocante ao seu tempo, pode ser considerado uma biografia histórica, na medida em que busca, comparando os vários relatos, uma verdade e mais ainda, ele não escreve apenas uma história sobre um personagem ilustre, utiliza-o para fazer a história da cidade do seu biografado, indicando muitos aspectos acerca de tal sociedade.

Alexandre, o Aquiles Macedônico?

De acordo com a historiadora Maria Aparecida Oliveira Silva, Mossmam teria caracterizado a biografia de Alexandre como *“um paradigma poético de um herói: a tragédia épica que representou a vida de Aquiles”* (SILVA, 2006, p. 42). Como já foi dito anteriormente, Plutarco, como um seguidor do movimento conhecido como segunda sofística, era um conhecedor e divulgador da cultura grega e dos clássicos que rodeiam essa cultura. Nesse sentido, ele conhecia e apreciava os poemas homéricos. É importante salientar que Homero constitui-se como base para as demais obras da Grécia. Para o historiador François Hartog, os poemas homéricos se diferenciam das epopéias tradicionais e possivelmente dão margem para o surgimento futuro da História.

O gênero trágico-épico, segundo Mossmam, é um atributo utilizado por Plutarco para tornar a sua obra mais atraente. Esta possível influência dos poemas homéricos é visível na biografia de Alexandre. Plutarco constrói Alexandre buscando mostrar traços relevantes de um comportamento que visa uma moralidade. Ora, Plutarco escreve no contexto do Império Romano e quer retratar uma conduta que deveria ser seguido pelos demais e além do mais, o próprio Plutarco foi um moralista. E assim se portaria um grego, com uma postura comedida, seguido pela razão e pelas regras. No entanto, em alguns momentos, Alexandre tem surtos de desregramento. Plutarco justifica esses atos descomedidos, ou seja, desregrados ao comportamento de um grego, pelos excessos (*hybris*)⁴ no momento em que os banquetes aconteciam e Alexandre se entregava ao vinho⁵.

Com efeito, Plutarco demonstra claramente uma semelhança entre Alexandre e Aquiles. No início de sua obra, quando fala dos pais de Alexandre e da sua educação, o historiador⁶ aponta claramente esta semelhança. Ele afirma que *“é de opinião corrente que, do lado paterno, Alexandre descendia de Hércules, por Carano, e, do lado materno, dos Eacides, por Neoptolemo”* (PLUTARCO, 2002, p. 27). Neoptolemo é filho de Aquiles. Além das semelhanças, Alexandre seria, portanto descendente de Aquiles, do lado materno. Ao comentar sobre a educação de Alexandre, Plutarco demonstra mais uma vez a influência da *Ilíada*. *“O papel e o título de pedagogo cabiam ao acarnaniano Lisímaco, homem*

desprovido de qualquer simpatia, mas que sabia tornar-se agradável, dando a si próprio o apelido de Félix, a Alexandre o de Aquiles, a Felipe o de Peleu: ele ocupava o segundo cargo junto ao moço" (PLUTARCO, 2002, p. 30).

Então, pode-se perceber que durante toda a criação de Alexandre e em todos os momentos de sua infância, houve uma aproximação com os poemas homéricos e uma concepção de que Alexandre assemelhava-se a Aquiles. Este último, como um bom representante da *economia do kléos*⁷, buscava alcançar a glória, para assim se eternizar na história. Aquiles queria o reconhecimento, a imortalidade do seu nome, uma vez que pressentia a pequena probabilidade de voltar com vida para casa. Alexandre, como dito anteriormente, tinha grande conhecimento sobre os poemas homéricos, aspecto este visível nas palavras de Plutarco.

Alexandre tinha também uma atração natural pela literatura: gostava de estudar e de ler. Considerava a *Ilíada* como um arsenal para a arte da guerra; e era assim que a chamava. Aristóteles lhe deu a edição desse poema, por ele próprio corrigida, e chamada 'edição da caixinha'. Alexandre- segundo conta Onesicrites – punha-a todas as noites à cabeceira, como fazia com a espada (PLUTARCO, 2002, p. 32).

De acordo com Aristóteles, responsável pela educação de Alexandre e por presentear-lo com a edição de caixinha da *Ilíada*, a obra de Homero merecia destaque devido a sua relação com o tempo. O tempo de duração da obra homérica não passa de cinquenta dias e nesse espaço, Homero consegue aproveitar a obra, enriquecendo-a com uma quantia de incidentes, o que torna a obra mais admirável.

Outro ponto importante a ser abordado refere-se ao comportamento do herói da Guerra de Tróia. Aquiles representava a força, a coragem e destacava-se entre os demais por sua bravura. De modo semelhante Alexandre é descrito. Desde o seu nascimento, os sábios já acreditavam que este teria a coragem e a força de um leão. E assim Alexandre é definido por Plutarco. Além de todas essas atribuições, Alexandre ainda é conhecido pelo seu caráter estrategista. Durante uma visita persa à Macedônia, devido à ausência de seu pai, Felipe, Alexandre os recebe, causando uma enorme admiração. Plutarco assim descreve o encontro: "*Chegou a causar tanta admiração aos embaixadores, que estes partiram convencidos de que a tão gabada habilidade de Felipe nada era em comparação com a vivacidade de espírito e as visões superiores de seu filho*" (PLUTARCO, 2002, p. 30). Seja como for, assim como Aquiles, Alexandre almejava alcançar o reconhecimento e a imortalidade, fosse pelas suas habilidades, sua coragem ou suas conquistas, fato esse que o preocupava muito. Alexandre temia que seu pai conquistasse todo o território, deixando para ele apenas a função de manter as conquistas.

Acontecia também que, quando se anunciava que Felipe tomara alguma cidade importante, ou que alcançara uma vitória memorável, Alexandre, em vez de manifestar alegria, dizia aos moços de sua idade: 'Meus amigos, meu pai vai tomar tudo; e não deixará nada de grande e glorioso para eu fazer um dia convosco'. Atraído, como era, não pela volúpia e pelas riquezas, mas pela virtude e pela glória, julgava que quanto maior extensão tivesse o império que devia herdar do pai, menores ocasiões se lhe apresentariam para se celebrar; com a ideia de que Felipe, aumentando cada vez mais suas conquistas, diminuía para ele as probabilidades de belas empresas, o que desejava não eram as riquezas, o luxo e os prazeres, e sim receber das mãos do pai um reino no qual tivesse guerras que fazer, batalhas que travar, em suma, um campo para sua ambição (PLUTARCO, 2002, p. 30).

Alexandre, assim como Aquiles, é impulsivo em certos momentos. Por exemplo, Aquiles abandona a Guerra de Tróia, pois Agamêmnon toma a sua escrava, Briseide. Este só retorna a guerra com a morte do seu amigo Pátroclo, como descrito no canto XVII da *Ilíada*, com o intuito de vingar a sua morte, tornando-o mais impulsivo, desregrado. Em homenagem a Pátroclo, Aquiles promove um banquete e um período de jogos. Alexandre, de forma parecida, tem certos momentos de desregramentos, porém com a morte de seu fiel amigo Hefestion essas atitudes tornam-se corriqueiras. Segundo Plutarco, com a morte de seu amigo, "*Alexandre não escondeu a dor violenta causada por essa perda. Fez cortar logo, em sinal de luto, as crinas a todos os cavalos, a todos os burros do exercito e abater as ameias das cidades vizinhas. O infeliz do médico foi crucificado*" (PLUTARCO, 2002, p. 85-86). Posterior a esse acontecimento, Plutarco retrata um Alexandre completamente perturbado e sem diretrizes a seguir.

Todas essas características corroboram com a visão de Mossman, quando afirma que a obra de Plutarco e a construção da biografia de Alexandre é influenciada pelos poemas de Homero. Conforme as fontes utilizadas por Plutarco, pode-se apontar de fato uma semelhança entre Aquiles e Alexandre, além da admiração visível que este tem por aquele. Em passagem pela região do Helesponto, por exemplo, Alexandre

Visitou Ílion, fez ali um sacrifício a Minerva e algumas libações aos heróis; banhou com azeite a coluna funerária de Aquiles, andou em volta do túmulo completamente nu, segundo o costume, com seus companheiros, depôs ali uma coroa, e felicitou o herói que teve, vivo, um amigo fiel, morto, um grande poeta para glorificar suas façanhas. Percorreu depois a cidade, para observar suas curiosidades; e, como alguém lhe perguntasse se queria ver a lira de Alexandre, respondeu: 'Pouco me preocupo com ela; gostaria de ver a lira com que Aquiles cantou a glória e os grandes feitos de bravura' (PLUTARCO, 2002, p. 38).

Portanto, deve-se ser reafirmado o valor que a obra de Homero apresenta, diante da sociedade grega. O movimento da segunda sofística, no contexto do Império Romano, contribuiu enormemente para a difusão dos clássicos. Plutarco, como um grego objetivando recuperar os seus valores, utiliza estes clássicos para reafirmar os valores culturais da Grécia antiga e Alexandre serve como um mediador na difusão desses clássicos, como no caso da *Ilíada*. Plutarco, demonstrando a importância do poema que, para Alexandre, seria o “arsenal para a arte da guerra” (PLUTARCO, 2002, p. 32), descreve a tomada de algumas riquezas dos persas pelos macedônicos.

Haviam-lhe levado uma caixinha, que os guardiões dos tesouros e das alaias tomadas a Dario julgaram ser a coisa mais preciosa do mundo: ele [Alexandre] perguntou aos amigos o que julgavam mais digno de ser fechado ali dentro. Depois de cada um ter dito o que mais estimava, disse Alexandre: ‘Pois eu guardarei a *Ilíada*.’ Foi pelo menos o que escreveram diversas testemunhas fidedignas’ (PLUTARCO, 2002, p. 48).

Nesse sentido, Alexandre se depara com uma caixinha considerada a coisa mais importante do mundo, que fora tomada de Dario. E então ele começa a se questionar e a perguntar aos seus amigos o que seria para eles a coisa mais importante do mundo, tendo por merecimento, o direito de ser guardado na caixinha. Diante das várias respostas, ele afirma que a *Ilíada* deveria ser guardada na tal caixinha preciosa, demonstrando mais uma vez a importância dos poemas homéricos para a sua jornada.

Conclusão

Plutarco, como um filósofo e moralista grego convivendo na essência do Império Romano escreve a biografia de Alexandre, construindo-o de acordo com uma moralidade que o mesmo considerava inerente a condição de um cidadão digno e comedido. Conforme a historiadora Sônia Regina Rebel de Araújo, a ausência de um comportamento regrado vai de encontro à conduta de Plutarco. E nesse sentido, Alexandre é construído.

Outra discussão condescendente corresponde à condição de historiador concedida a Plutarco. Segundo Maria Aparecida Oliveira Silva, suas biografias não tratam apenas da história de um indivíduo: remontam uma época, no qual o autor perpassa a história dos sujeitos, enquadrando-os no seu contexto político e social. Do mesmo modo, Plutarco, ao construir o seu patrimônio historiográfico, se utiliza de um leque de fontes, comparando ainda as várias informações coletivas, a fim de verificar a veracidade das vicissitudes.

Ao erigir a biografia de Alexandre, o Grande, Plutarco aborda a sua semelhança com o herói homérico Aquiles. Segundo ele, durante toda a sua

vida, Alexandre obteve grande influência do que considera ser um “arsenal para a arte da guerra” (PLUTARCO, 2002, p. 32). Aquiles, um herói proveniente da *economia do Kléos*, busca alcançar a imortalidade através de seus grandes feitos e de sua coragem. Aquiles também é retratado por Homero como um grande estrategista. Contudo, é impulsivo e precipitado. Alexandre, como um personagem análogo a Aquiles, é descrito pelo seu comportamento justo. Em vários momentos da obra, Plutarco transmite a concepção de um Alexandre bondoso, comedido. No entanto, em outros momentos, Alexandre seria vítima do estado de *hybris*, comportando-se de forma injusta, isto é, agindo impulsivamente.

As semelhanças com Aquiles vão mais além, demonstrando uma característica inerente ao movimento da segunda sofística. Plutarco evidencia aspectos inerentes a sua visão como um grego, convivendo no seio de Roma e discordando da postura de alguns políticos romanos, quando preza pela difusão das obras clássicas que expressam a magnitude dos gregos. Assim sendo, a biografia de Alexandre, como afirmou Mossman, é um espelho da *Ilíada* e, conseqüentemente, Alexandre é um reflexo de Aquiles. Grande parte da história do passado grego não resistiu aos “séculos obscuros”⁸. No entanto, os poemas homéricos resistiram à oralidade e ao tempo, perdurando até nossos dias atuais, o que explica, ou pelo menos justifica a sua importância perante os gregos. A *Ilíada* e a *Odisséia* certamente retratam aspectos intrínsecos ao passado e auxiliaram infinitamente na busca por uma identidade grega.

Notas

* Graduanda do Curso de História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: lilapessoa@hotmail.com.

¹ A adoção do latim contribuiu fortemente para o processo de romanização, isto é, a criação da identidade romana, agregando hábitos que seriam especificamente romanos, como, por exemplo, o uso de certas vestimentas, construção de anfiteatros, a valorização de uma história comum, ou seja, uma história de Roma. Esses fatores eram considerados requisitos para que a cidadania romana fosse alcançada.

² Termo utilizado pela historiadora Maria Aparecida Oliveira Silva, em sua obra *Plutarco Historiador: Análises das Biografias Espartanas*, publicada no ano de 2006.

³ A historiadora Maria Aparecida Oliveira Silva acrescenta que a própria noção de um trabalho histórico se modificou ao longo do tempo. Uma explicação para que tenhamos cuidado ao analisar e criticar a obra de Plutarco.

⁴ Segundo a Historiadora Sônia Regina Rebel de Araújo, Plutarco condenava “a injustiça, a deslealdade, o desequilíbrio – *hybris* – dos políticos romanos” (ARAÚJO, 2010, p. 160), e a utilização desta característica em Alexandre pode representar uma crítica à sociedade romana, na qual Plutarco estava inserido.

⁵ Alexandre associava-se ao culto a Dionísio ou Baco (em latim). Plutarco menciona o

gosto de Alexandre pelo vinho, uma das justificativas para o odor agradável que exalava de sua boca. (PLUTARCO, 2002, p. 29).

⁶ Partindo do conceito da historiadora Maria Aparecida Oliveira Silva, na qual caracteriza Plutarco como um historiador, já discutido anteriormente.

⁷ Termo trabalhado pelo historiador François Hartog em seu livro *Os Antigos, o passado e o presente. A economia do kléos* corresponde à concepção de que o herói deveria morrer de forma gloriosa para alcançar a imortalidade e se perpetuar no tempo.

⁸ Possivelmente pela prática vigorante da oralidade, já que houve um considerável retrocesso na escrita.

Referências

ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de. Plutarco de Queroneia: entre a ética e a história. In: ARAÚJO, Sônia Regina Rebel de; JOLY, Fábio Duarte; ROSA, Claudia Beltrão da. (Orgs.). **Intelectuais, poder e política na Roma antiga**. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2010.

ROSA, Claudia Beltrão da. (Org.). **Intelectuais, poder e política na Roma antiga**. Rio de Janeiro: Nau: FAPERJ, 2010.

FINLEY, Moses L. **Os gregos Antigos**. Lisboa: Edições 70, 1963.

GUARINELLO, Noberto Luiz. Império Romano e Identidade Grega. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org.); SILVA, Maria Aparecida Oliveira. [org.]. **Política e identidades no mundo antigo**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.

HARTOG, François. Primeiras figuras do historiador na Grécia: historicidade e história. _____. **Os Antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

HARTOG, François. Roma e Grécia: as escolhas de Dionísio de Halicarnasso. _____. **Os Antigos, o passado e o presente**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

HOMERO. **Ilíada**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2009.

JONES, Peter V. Introdução histórica: Linhas gerais da história de Atenas até a morte de Alexandre, o Grande. _____. **O Mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PLUTARCO. **Alexandre e César**. São Paulo: Ediouro, 2002.

SILVA, Maria Aparecida Oliveira. **Plutarco Historiador: Análises das Biografias Espartanas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHULER, Donald. **A construção da Ilíada: uma análise de sua elaboração**. Rio Grande do Sul: L&PM, 2004.

Recebido em: fevereiro de 2011.

Aprovado em: maio de 2011.